

CEDI

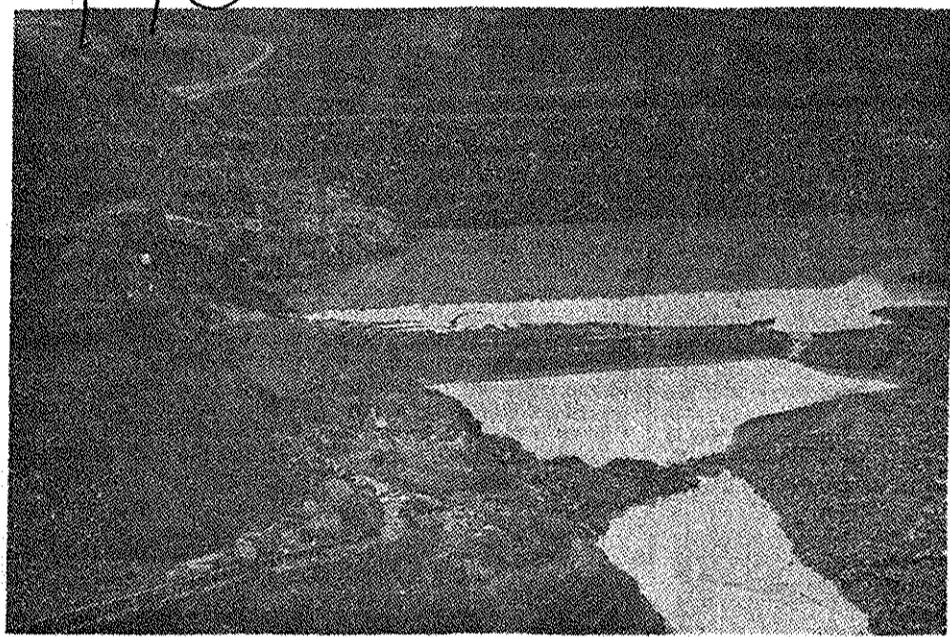
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio do Povo*

Class.: 77 XGR

Data: 10.05.81

Pg.:



Area onde está sendo construída barragem de Ibirama

Cimi denuncia obra do DNOS na reserva indígena de Ibirama

FLORIANÓPOLIS (Da Su-cursal) — "A construção de barragem, na reserva indígena de Ibirama, tem a única finalidade de favorecer as grandes construtoras, já que o Vale do Itajaí conta com outras barragens e até agora o problema de inundações não ficou resolvido" — segundo declarou Wilmar Dangelis, coordenador da regional Sul do Conselho Indigenista Misionário. Essa regional compreende os Estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Wilmar classifica a construção da barragem, por parte do DNOS e com o apoio da Funai, de "verdadeira violência" e "um crime de genocídio", já que obriga os índios a deixarem grande parte das terras que a eles pertence. O coordenador do CIMI contudo, não se limita a criticar o fato imediato, que é a construção da barragem, pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento: "A Funai, principalmente depois de 1977, vem cometendo uma série de erros nessa reserva, e uma das coisas que conseguiu foi criar divergências entre os próprios índios, a ponto de ocorrer violência física entre eles".

Conforme revela, a Funai "há vários anos vem tentando compensar os índios com

favores para obter grandes vantagens, chegando a assalariar o chefe da tribo. Ao contrário do que ocorre em outras reservas, a Funai não tem serraria própria em Ibirama — reserva "Duque de Caxias" — e fez contratos com madeireiras, para tal, quando ocorrem, inclusive, roubos de madeira".

— Por incrível que pareça — diz Wilmar — quem impede muita coisa que a Funai tenta fazer são os próprios índios. Por exemplo, a Funai tentou vender 10 mil metros cúbicos de madeira que pertence aos índios. Eles, quando se aperceberam disto, entraram com a ação na Justiça, obrigando a Funai a recolher os editais já lançados, pois ficaria com uma situação bastante chata perante a opinião pública".

Sobre as "divisões internas" que estariam sendo criadas por esse órgão, o representante do CIMI diz que a Funai permitiu a instalação de uma igreja na reserva (Assembléia de Deus do Brasil), "desde que os fiéis fossem também a favor da Funai". A situação chegou a tal ponto nessa reserva que tem cerca de 700 índios (na maioria, Xoklengs), diz Wilmar", que a primeira providência do delegado da Funai que assumiu o posto é arranjar um revólver".

EXPLORAÇÃO

Wilmar Dangelis diz, contudo, que "a exploração, por parte da Funai", atinge também a reserva indígena de Xaçecó, localizada em Xanxerê. Ali, "a Funai está acabando com os pinheiros, principalmente depois de 76. Já não há quase nada. O órgão vende a árvore e o lucro ninguém vê. Tudo o que retorna é o que é obtido com a venda das ponteiros dos pinheiros. Com esse dinheiro, a Funai construiu casas para os índios, com assoalho e tudo, e até fogão de madeira (quando o índio usa chão batido)". Outro problema é que os índios estão sendo levados a integrar cooperativas de colonos, conforme denuncia.

Embora quase desconhecidos, por sua vez, cerca de 40 índios Kaingans, que habitavam o "toldo" (núcleo) de Chibangue, às margens do rio Irani, foram obrigados a trabalhar como agregados de colonos da área, numa situação de miséria não diferente de seus outros irmãos. Ali, em 1970 um colono aborreceu-se e pôs fogo à cabana de uma família de índios, piorando o relacionamento com eles.

A reserva de Xaçecó conta com cerca de 2 mil índios, entre Kaingans (maioria) e guaranis.

Barragem sai, apesar do índio

FLORIANÓPOLIS (Da Su-cursal) — A reserva indígena de Ibirama. Posto "Duque de Caxias" — localizada a três horas de Florianópolis, no alto vale do Itajaí, habitada por 632 índios, divididos entre os grupos Kaingang e Xokleng — é a maior reserva de madeiras-de-lei do país, entre elas o sassafrás, nobre e rara em todo o mundo. Tal importância causa na região permanentes conflitos entre índios, os grandes perdedores, madeireiras e Funai. Durante os últimos dois anos, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento entrou também em cena, com a construção de uma barragem no local.

Tal barragem, segundo Abigail Freitas Wolk, procuradora do DNOS, pretende resolver o problema das cheias do vale do Itajaí. O local da barragem foi escolhido por um técnico americano, que estudou a região e o projeto. Não há possibilidades de mudarmos sua localização. Fizemos quatro sugestões à Funai: desapropriação, troca da área a ser inundada por outra a ser indicada pela

Funai, uso-fruto da área desapropriada na época da estigagem, arrendamento da área". Abigail Wolk disse que está praticamente acertado com a Funai um convênio, no valor de Cr\$ 30 milhões, que determinará a remoção dos índios para uma área acima da região de inundação da barragem. Abigail Wolk disse que o DNOS é constantemente visitado pelos índios da reserva, que se encontram divididos em duas facções: "A metade quer dinheiro, outra metade quer ser removida".

O DNOS continuará suas obras (atualmente interrompidas pelo encerramento de contrato com a firma construtora) "independente da solução ou não do problema dos índios". A área da reserva já foi inundada outras vezes e houve grande calamidades com os dois rompimentos da barragem, o primeiro em 8 de outubro de 1979 e o segundo em 21 de dezembro de 1980, não só entre os índios mas em todo o município de Ibirama. Estas inundações, contudo, são motivo

de perplexidade para o prefeito de Ibirama, Heinz Scheidemantel, que está reivindicando o pagamento dos prejuízos junto ao DNOS. "Ibirama nunca sofreu problemas de enchentes, estas duas que ocorreram aqui se devem ao rompimento ocorrido na barragem. A situação dos índios é pior, pois antes com qualquer chuvinha eram obrigados a abandonar suas casas e fugir para lugares mais altos. Agora, como tudo foi destruído e não se iniciou ainda a reconstrução da barragem, os índios se encontram bem". Ao dizer que os índios estão bem, Heinz Scheidemantel está se referindo ao problema das inundações, porque o conflito entre madeireiras, índios e Funai continuam. O índio não é bem assistido pela Funai e por questões de sobrevivência quer plantar suas roças e vender a madeira. A polícia militar na semana passada fechou várias madeireiras aqui. Pois os índios estavam vendendo a madeira adiretamente às empresas, sem autorização do IBDF e Funai", conclui o prefeito.